



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**MARIA TEREZA DA SILVA**

**PERMANÊNCIA ESCOLAR NA EJAI: OLHARES E DIZERES DOS SUJEITOS  
IDOSOS**

Maceió – AL  
2024

MARIA TEREZA DA SILVA

**PERMANÊNCIA ESCOLAR NA EJAI: OLHARES E DIZERES DOS SUJEITOS  
IDOSOS**

Artigo científico apresentado como exigência parcial para a conclusão do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas.

Orientador: Prof. Me. Andresso Marques Torres

Maceió – AL  
2024

## PERMANÊNCIA ESCOLAR NA EJAI: OLHARES E DIZERES DOS SUJEITOS IDOSOS

Maria Tereza (UFAL)  
[maria.tereza@ichca.ufal.br](mailto:maria.tereza@ichca.ufal.br)  
Andresso Marques Torres (UFAL)  
[andresso.torres@cedu.ufal.br](mailto:andresso.torres@cedu.ufal.br)

### RESUMO:

Este artigo tem como objetivo compreender, por meio das narrativas dos sujeitos da EJAI, em Maceió, Alagoas, as práticas acionadas para permanecerem estudando. Metodologicamente, partimos da pesquisa qualitativa, cujos procedimentos teórico-empíricos basearam-se em autores que discutem a permanência escolar na Educação de Jovens e Adultos, seguido de coleta de dados por meio de entrevista, com dois sujeitos idosos que estavam, na época da pesquisa (2023), matriculados em uma escola pública municipal. Os achados permitiram que identificássemos sentimentos e motivos diversos que fazem com que os interlocutores tomassem a decisão de retornar e continuar os estudos, a exemplo das redes de solidariedade entre amigos, ou mesmo entre companheiros de matrimônio. As narrativas revelaram, ainda, a trajetória de negação de direitos, de modo que as ressonâncias desse passado também lampejam no presente. A escola foi vista como um lugar de lazer, e divertimento, de modo que esse sentido outorga outros horizontes para as práticas que ocorrem em seu interior.

**PALAVRAS-CHAVE:** EJAI. Permanência escolar. Maceió-AL.

### 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo, que constitui-se no meu Trabalho de Conclusão de Curso, da Graduação em Pedagogia, da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), tem como objeto de estudo a permanência escolar como princípio e direito fundamental à educação, para pessoas jovens, adultas e idosas de uma escola da rede pública municipal de Maceió -AL. Para tanto, partimos da seguinte problematização: **o que narram os sujeitos idosos da EJAI, em Maceió, sobre sua permanência na escola?** Essa questão desdobrou-se em outras: quais motivos mobilizam o retorno/permanência escolar? O que propicia o desejo de estar em sala de aula enquanto idoso? Como interpretam o acolhimento da escola?

Neste sentido, enquanto objetivo geral, buscamos compreender, por meio das narrativas dos sujeitos da EJAI, em Maceió, as práticas acionadas para permanecerem estudando. E como objetivos específicos: i) Identificar os motivos que possibilitam a permanência dos estudantes

da EJAI; ii) Conhecer as razões pelas quais os sujeitos matriculados na EJAI permanecem assíduos em sala de aula; iii) analisar quais táticas são construídas para permanecer estudando, considerando o movimento pendular das suas existências.

O contexto que envolve a permanência na escola tem ganhado proporção nacional, a partir dos trabalhos de Gerson Tavares do Carmo, da Universidade Estadual Norte Fluminense (UENF) que identificou um silêncio institucional em torno da temática, em detrimento dos estudos que buscam/buscavam compreender, em demasia, as saídas da escola pelos sujeitos. Essa curvatura das investigações tem possibilitado não somente a ressignificação do verbete *permanência*, mas permitido, também, uma conversão do olhar, especificamente do discurso pedagógico que culpabilizava, exclusivamente, os sujeitos por seus supostos fracassos. A LDB, Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, aborda em seu Artigo 3º, inciso I e II, que os sistemas de educação precisam assegurar: “igualdade de condições para o acesso a **permanência na escola**”, bem como “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber”. Compreende-se que apenas o acesso não garante a aprendizagem, ou o direito à educação. É preciso oferecer condições objetivas para que se efetive a democracia educacional que tanto almeja-se.

O interesse pela problemática surgiu diante do contexto de dar aulas a uma pessoa que não sabia ler e escrever, e que mesmo tendo participado de uma turma de EJAI, não conseguiu permanecer. Fato que me levou, inicialmente, a optar pelo estudo da evasão. No entanto, ao refletir pacientemente sobre o ocorrido, observei que havia uma mobilização para aprender por parte do sujeito. No entanto, o que dificultava sua permanência, não era tanto as condições objetivas da vida, mas o próprio preconceito em relação a sua condição de não saber ler e escrever, que partia da escola. Nesse sentido, o sentimento de vergonha fez com que o mesmo inúmeras vezes interrompesse o processo de escolarização. Assim, entendo que o movimento de curvatura da permanência, em relação à evasão, dá conta de compreender os caminhos que a escola, de forma específica, precisa construir coletivamente, no sentido de assegurar o direito fundamental à educação.

Este texto está organizado, além dessa introdução, em 1 subseção, desdobrada dessa, e uma seção que trata dos resultados e discussões, construídos a partir das narrativas de dois sujeitos-estudantes idosos matriculados na EJA, e que foram entrevistados para efeito dessa pesquisa. Por fim, trazemos as considerações finais, no sentido de apresentar as conclusões possíveis após o percurso investigativo.

## 1.1 DA PESQUISA: APROXIMAÇÕES TEÓRICO-CONCEITUAIS E METODOLOGIA

A partir dos objetivos delineados, mencionados a anterior, a perspectiva teórico-metodológica dessa pesquisa, encaminhou-se para a pesquisa qualitativa, que segundo Oliveira (2007, p. 59), é “caracterizada como sendo uma tentativa de se explicar em profundidade o significado e as características do resultado das informações obtidas através de entrevistas ou questões abertas, sem a mensuração quantitativa”. Nesse sentido, sem a pretensão de abordar dados quantitativos, mas sim os aspectos que fazem com que sujeitos adultos permaneçam estudando, após sucessivas interdições do direito à educação, em uma escola pública de Maceió, é que foram estabelecidos alguns procedimentos para que conseguisse alcançar os objetivos e responder, mesmo que em parte, a problemática alçada, a saber:

Inicialmente, foi procedida uma pesquisa bibliográfica, sem a característica de método, uma vez que busquei aprofundar, sem a consulta a periódicos, os conhecimentos relativos à categoria elencada neste trabalho, ou seja, a da *permanência escolar*. Para tanto, realizei leituras de autores/as clássicos/as dessa temática, como Carmo; Carmo (2014); Reis (2016); Fiss; Machado (2014) que discutem de forma crítica os motivos pelos quais os sujeitos da EJA prosseguem em seus percursos escolares, mesmo considerando os rebatimentos sociais de suas trajetórias de vida.

Nesse sentido, o texto de Carmo; Carmo (2014) partiu do objetivo de compreender o conceito de permanência escolar nas produções acadêmicas, desde o ano de 1998, ou seja, dois anos após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases, n. 9394/96, que, como enfatizado na introdução desse trabalho, afirma o princípio do acesso e permanência na escola. Esse fato, desde o início, chamou à atenção dos autores, que empreenderam buscas de trabalhos, com vistas a produzirem um estado da arte. Esse esforço hercúleo, considerou apenas os trabalhos publicados na área da educação, sendo esse o critério de inclusão. A importância desse trabalho se configura pelo ineditismo da produção, sendo considerado um clássico na área, inaugurando um campo de estudos no Brasil, que até então era negligenciado, sobretudo pela quantidade desmesurada dos estudos que privilegiava os fatores que estudavam a evasão.

Segundo os autores, a permanência possui a característica de persistência e insistência, ou seja, é a mobilização para aprender, e ficar na escola, mesmo considerando os fatores externos e internos que se constituem enquanto barreiras. Entendem, assim, a permanência escolar como uma experiência instituinte, ou seja, uma contravenção ao instituído, que presume

as questões técnicas. O instituinte, nas palavras dos pesquisadores, “[...] não se confunde com o escrever sobre o novo, ou uma novidade, mas sobre o desafio e tensões vividos pelo próprio pesquisador em sala de aula, em busca de compreender a origem da *permanência escolar* (Carmo; Carmo, 2014, p. 11, grifos originais).

Na verdade, há uma defesa ferrenha de que a permanência deveria se constituir em um “correspondente desejável”, o que significa dizer que às pesquisas na área de educação precisariam converter seus esforços na compreensão dos fatores que fazem com os sujeitos permaneçam, e não o contrário, como denunciado ainda pelos autores citados.

É que como correspondente desejável, presume-se que haveria, tantos esforços acadêmicos, quanto de políticas públicas, que permitiram uma experiência escolar mais aprazível para todos, indistintamente. Curiosamente, por meio dessa produção, tivemos acesso a outros escritos, sobretudo de autores nacionais, que abordam com mais ênfase o que caracteriza a permanência escolar, agregando reflexões entorno de uma noção aberta, em expansão, como é o caso de Reis (2016), conforme trataremos abaixo.

Em continuidade, a discussão realizada por Reis (2016) se concentra nos sentidos do termo permanência, tanto do ponto de vista etimológico, quanto filosófico, em que no primeiro aspecto a autora afirma que permanência é a persistência que corresponde ao modo como algo ocorre no tempo cronológico. Já na segunda abordagem – filosófica –, a autora entende-a como um processo de duração, nos fenômenos do tempo, mas sob outro modo de existir. Nesse sentido, a permanência é duração e transformação, ou seja, congrega uma concepção de tempo cronológico e também de espaço simbólico que possibilita diálogo, troca de experiências e a transformação de todos.

Nesse sentido, podemos pensar que o ato pedagógico, congregado a partir da organização do tempo curricular, tem um papel imprescindível na forma como a permanência vem sendo encarada no chão da escola. Isso porque, ao pensarmos sobre uma aula, temos em mente o planejamento, execução e avaliação desta, no sentido de perceber a qualidade do processo didático, ou seja, de ensino-aprendizagem. Desse modo, podemos entender que a tríade elementar constituiu um fator que pode permear a continuidade escolar dos sujeitos, uma vez que a avaliação de todo o processo, indica possíveis caminhos interventivos, buscando alcançar o êxito na aprendizagem.

Prosseguindo com os aspectos metodológicos, tendo me apropriado das questões teórico-conceituais, realizei 2 entrevistas com sujeitos matriculados em uma turma da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI), da Rede Municipal de Educação de Maceió. Assim, no dia

24 de outubro de 2023 fiz a primeira visita à escola com intuito de realizar a entrevista, considerando que conhecia o ambiente, em razão de ter realizado o Estágio Supervisionado na mesma. Após ter explicado os objetivos do trabalho, a diretora me direcionou a algumas turmas da EJAI.

Optei, sem critério prévio, pela turma do 3º período, que estava em aula de matemática. A professora da turma foi muito receptiva; expliquei o objetivo da minha presença, de modo que à medida que foram terminando a atividade realizei a entrevista com os que se sentissem à vontade. A seguir, apresento os sujeitos:

- **Francisco Silva** – tem 64 anos, aposentado, nasceu em Porto Calvo, mas atualmente mora em Maceió, é aposentado, perdeu o pai aos dois anos de idade, e começou a trabalhar aos oito anos e estudou até os 14 anos. Francisco é fruto de uma família de 10 filhos, e lembra de alguns momentos da época em que estudava quando mais jovem. “*Eu era bom aluno, e ajudava os colegas. Eu era bom em matemática*” (Francisco Silva, 64 anos).

Francisco retornou aos estudos por incentivo de um amigo, e segundo ele o que o motiva a permanecer são os amigos da escola, o gosto e vontade de estudar de novo e que pretende adentrar em uma Faculdade de Direito.

- **Ramilton Silva** – tem 74 anos, nasceu em Porto da Pedra, atualmente mora em Maceió, teve oito irmãos, sendo que apenas dois estão vivos, tem quatro filhos. Relatou que foi para a escola a primeira vez quando tinha 17 anos, frequentou escola particular, em seguida foi para o Mobral, interrompeu os estudos por causa do trabalho e já tinha mais de 50 anos sem estudar. Segundo Ramilton trabalhava de tudo que aparecesse “*operador, vigia*” (Ramilton, 74 anos).

Ramilton atualmente só pensa em ir para escola para acompanhar a sua esposa. Segundo ele, se no próximo ano ela for para outra escola ele não irá continuar estudando se lá não tiver vaga para ele. Ramilton prefere estudar em casa e escrever bastante, mas também tem o interesse de melhorar a escrita e a ortografia: “*O meu nome eu sei escrever, mas tem palavras com dois R, aí eu me confundo*” (Ramilton, 74 anos). Para Ramilton a escola é um lugar de divertimento, de interagir com os colegas.

A seguir, as narrativas são analisadas, de acordo com as categorias que emergiram a partir das vozes desses sujeitos, que carregam concepções de vida, de escola, estudos, amizades, família, dentre outros, sendo essas trilhas que os fazem permanecer, sobretudo a partir do vivo desejo de aprender sempre mais.

## **2 OLHARES E DIZERES DOS SUJEITOS IDOSOS DA EJAI SOBRE A PERMANÊNCIA NA ESCOLA**

Partindo do objetivo de entender os olhares e dizeres dos sujeitos idosos sobre a EJAI, no que refere a permanência na escola, nesta seção, aborda-se, em um primeiro momento, as histórias de vida dos interlocutores, situando seus modos de vida, e as tessituras da sobrevivência. Em seguida, discute-se sobre os motivos pelos quais permanecem estudando na velhice, dando realce as principais redes de apoio, e os fatores internos à escola que fazem com que busquem outras formas de urdir a vida.

### **2.1 Histórias de vida dos sujeitos**

Nesta subseção, analisa-se as narrativas dos sujeitos idosos, entrevistados para esse trabalho, no que se refere as suas histórias e memórias de vida, destacando os caminhos por onde passaram, no sentido de tecerem a sobrevivência. Conforme esclarecido na parte metodológica, os sujeitos, quando da entrevista, estavam matriculados em uma escola municipal de Maceió, sendo esse um dos fatores que explicam o uso da sigla EJAI. É que a Secretaria Municipal de Educação do referido município lançou em 2018, as Orientações Curriculares para a Educação de Jovens, Adultos e Idosos, no sentido de enfatizar esses sujeitos desde a sigla.

Assim, ressaltamos, outra vez, que trata-se de pessoas idosas, todos homens. O primeiro entrevistado, o Sr. Francisco (64 anos) nos contou que nasceu em Porto Calvo, Estado Alagoas. Pertencente a uma família de 10 filhos, perdeu o pai aos 2 anos de idade, de modo que ao completar 8 anos, teve que trabalhar na roça para ajudar no sustento da família, o que entendemos com trabalho infantil. Diante dessa situação, e não conseguindo conciliar a vida escolar com o trabalho rural, abandonou a escola aos 14 anos de idade, onde prosseguiu a vida trabalhando no campo e mais a diante como motorista.

Neste sentido, é importante destacar que o interlocutor, de forma contínua, enfrentou uma luta pela sobrevivência, expressa nas formas como narra passagens da sua vida, conforme comentou: “comecei a trabalhar aos oito anos de idade e estudei até os quatorze anos. Fui trabalhador rural e motorista. Uma família de dez filhos, sendo que só tem oito vivos e hoje sou aposentado por invalidez” (Sr. Francisco, 64 anos). Observa-se, assim, que buscou, antes de tudo, garantir o seu próprio sustento, e da sua família desde criança. Considerando esse aspecto,

o acesso à educação escolar passou a figurar como um sonho, que foi abandonado, temporariamente, na época, no sentido de retomá-lo tempos depois.

Os sonhos, para Freire (2001) tem relação com a inserção dos sujeitos históricos no mundo, que mediatizados pela cultura, buscam inserir-se na dinâmica da produção da vida, na perspectiva da comunhão. Nesse sentido, o autor escreve que:

Sonhar não é apenas um ato político necessário, mas também uma boa conotação da forma histórico-social de estar no mundo de mulheres e homens. Faz parte da natureza humana que, dentro da história, se acha em permanente processo de tornar-se... não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança (Freire, 2001, p. 13)

Com base nisso, podemos considerar que os sonhos do interlocutor Francisco, 64 anos, ainda estão latentes, uma vez que enxerga na escola uma possibilidade de mudança, cuja esperança, do verbo esperar, mobiliza-o para o alcance desse desejo por aprender a ler, escrever e mais. Isso porque, dentro da história, é um homem-idoso que se reconhece no processo de reprodução da vida, desde a mais tenra idade. Impedido de estudar na infância, adolescência e vida adulta, busca superar esse distanciamento e inserir-se outra vez, na dinâmica escolar. Nos parece, que há uma busca incessante por sentir-se ativo, no meio social, na tentativa de escapar aos ditames muito próximo da ideia de que o velho é alguém estagnado, sem perspectiva (Bosi, 1994).

Coura (2008), também discute a ideia do sonho para os sujeitos idosos, matriculados na EJA, ao dizer que: “Sonhar é, portanto, um importante constitutivo da natureza humana que nos impulsiona a viver. A todos os seres humanos, seja em qualquer etapa da vida em que se encontre, a motivação e os sonhos são necessários”. Nessa lógica, o interlocutor Ramilton (74 anos), que nasceu em Porto da Pedra também no Estado Alagoas, sendo pai 4 filhos, também sonha com a escolarização. Ramilton relata que trabalhou muito, que foi a escola pela primeira vez aos 17 anos de idade, o que significa dizer que, quando criança, não teve o direito à educação assegurado, de forma que esse passado revela a realidade de muitos alagoanos e alagoanas, como o narrador anterior, e com esse não foi diferente. É que na formação do Estado de Alagoas, segundo Carvalho (2020) e Verçosa (2017) a educação não se constituiu enquanto prioridade, figurando como um artigo de luxo que estava para os mais aquinhoados.

Nos parece, nesse sentido, que essa realidade, por mais que tenha sido alterada, ainda caminha a passos lentos, pois convivemos, no século XXI, com altos índices de pessoas que não sabem ler e escrever, que de acordo com Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022) esse número, em Alagoas, chega a mais de trezentos mil pessoas. Assim,

retomando a história de Ramilton, podemos afirmar que ele é herdeiro de um passado que não teve como horizonte a educação escolar para as classes mais pobres, empurrando-a para os lugares do trabalho desde a mais tenra idade, como foi o seu caso. Em sua narrativa fica notória, por um lado, a força de vontade em relação aos estudos, o sonho de mudar de vida, pois quando migrou para Maceió, estudou no Movimento Brasileiro de Alfabetização, criado em 1967, porém não conseguiu prosseguir, mais uma vez, em razão do trabalho: “Fui pra escola quando eu tinha dezessete anos, estudei particular, depois vim pra Maceió e estudei na Mobral, depois comecei a trabalhar que só. Já tem cinquenta anos ou mais que deixei de estudar” (Ramilton, 74 anos).

Os sujeitos estudantes da EJA, em Maceió, ao longo do tempo, segundo Moura (2007) têm se afigurado como trabalhadores e trabalhadoras dos mais diversos ramos, desde porteiros a empregadas domésticas. As suas histórias, por sua vez, assemelham-se, ou seja, possuem itinerários muito condizentes com uma realidade de vida penosa, tecida nas malhas da exclusão social, e marcadamente sofrida, em que não tiveram, mesmo que minimamente, o direito de frequentarem, ou de forma curta, a escola. Os dois sujeitos referidos acima, também inserem-se nessa dinâmica, movida pelo trabalho e pela abdicação dos estudos. Isso tudo, pelos motivos explicitados pelos mesmos, de força de trabalho, cujas composições familiares numerosas, não permitiram que tivessem até mesmo os tempos da infância.

Todavia, o retorno a escola para esses sujeitos possui muitos significados, de modo que aprender a ler e escrever, se sobressai com muita força, expressando que os sonhos outrora interrompidos realçam-se de novos sentidos. Desse modo, trataremos desse percurso na próxima subseção.

## **2.2 A Permanência dos sujeitos na EJAI**

Nesta subseção analisa-se os relatos dos sujeitos da EJAI sobre a permanência na escola, situando os percursos e trajetórias que os motivam e os levam a prosseguir nesse espaço. Ressaltamos, inicialmente, a importância de políticas que tenham como horizonte o acesso e a permanência escolar, sobretudo para jovens, adultos e idosos. É que, constitucionalmente, o acesso à escola tem se constituído como direito, mas, na prática, o que temos visto é que a ausência de ações públicas tem dificultado a permanência dos sujeitos, como pode ser visto nos estudos que se debruçaram sobre a temática, especificamente no Estado de Alagoas (Cardoso, 2016; Silva, 2021).

Nesse sentido, estamos de acordo com Reis (2016) quando trata da permanência como um continuum no tempo, sublinhando-a tanto do ponto de vista material quanto simbólica. A primeira, segunda a autora, tem relação com os recursos financeiros, imprescindíveis ao prolongamento da vida escolar. Isso porque, as pessoas precisam, antes de tudo, existir, para que possam dar prosseguimento a outras demandas de vida. Enquanto que a dimensão simbólica tem ligação com o sentimento de pertencimento ao lugar, de modo que à medida que o sujeito sente-se incluído, tem mais chances de continuar, porque atribui sentidos aos acontecimentos e, especialmente, às relações.

Assim, nesse contexto, a permanência escolar está sendo entendida como:

[...] o ato de durar no tempo que deve possibilitar não só a constância do indivíduo, como também a possibilidade de transformação e existência. A permanência deve ter caráter de existir em constante fazer e, portanto, ser sempre em transformação. Permanecer é estar e ser continuum no fluxo do tempo, (trans)formando pelo diálogo e pelas trocas necessárias e construídas (Reis, 2016, p. 68, grifo original).

Com base nesse entendimento, considera-se que os sujeitos entrevistados, para efeito desse trabalho, inserem-se nesse horizonte, uma vez procuram a escola não mais com a premissa da interrupção, mas com o sentimento de continuarem, assim como comentado por Francisco: “Os desafios para continuar estudando foram só os anos que eu fiquei sem vim a escola. Minha motivação é de ingressar no EJA é o gosto e vontade de estudar de novo” (Francisco, 64 anos). o interlocutor remete a um sentido peculiar, como o gosto, de estar em uma escola. É como se o mesmo degustasse esse momento, rico em significados.

Pensar sobre essa demanda é urgente, uma vez que o princípio do acesso não significa que o sujeito consegue, por si próprio, dar continuidade, o que requer ações internas e externas à escola que consiga abranger esses sujeitos. Quando a permanência vai se deslindando no cotidiano, percebeu-se que as motivações para a mesma são diversas, dentre as quais se sobressai a de vencer na vida, por meio de uma visão apaixonada desse lugar chamado escola, como se ela fosse capaz de resolver todas as questões que permeiam o mundo, o que podemos interpretar como um olhar entorno de uma escola salvadora. Mesmo enfrentando dificuldades, essa visão não é corroída, muito pelo contrário, cria-se um contexto de resistência muito interessante, como é o caso de Francisco.

Desse modo, o termo coragem aparece com muita força na narrativa do interlocutor, de modo que concordamos com o mesmo no sentido de que há atos mesmo de coragem e encorajamento, sobretudo por parte dos amigos: “meus amigos me incentivam” (Francisco, 64

anos) afirma. Desse modo, chegamos à conclusão de que a dimensão simbólica, estudada por Reis (2016) insere-se nesse fator, sendo, em alguns casos, determinante para que os sujeitos consigam prosseguir suas trajetórias. É tanto que em casos específicos, a interrupção da escola se dá justamente em decorrência de um abandono por parte de companheiros.

Em condição diferente, o estudante Ramilton (74 anos) nos disse que a escola é um espaço em que consegue descontraír, ou passar o tempo, conforme afirmou: “Sim, agora era assim, eu trabalhava até dia de domingo. Agora eu tô aqui só pra me ocupar, tenho idade pra mais nada não” (Ramilton, 74 anos). Nesse sentido, a EJAI pode ser entendida como espaço de lazer, na medida em que se configura como um ambiente de socialização, diversão e aprendizagens. O estudo de Coura (2008), citado anteriormente, também aborda esse sentido, pois se levamos em conta o sentido da função social da escola, temos que esta não aborda esses liames da diversão, do prazer do encontro. Mas sim, privilegia o aprendizado formal.

Na EJAI podemos inferir que essa lógica é distinta, pois os estudantes pertencem a diferentes classes sociais, na maioria populares, nas quais a predominância é o estado de contemplação pelos encontros e surpresas das relações, como temos visto nas escolas, especialmente em experiências de estágio supervisionado. Ramilton (74 anos) relatou, ainda, que a permanência na escola se deve ao fato de que acompanha sua esposa: “Eu estou na escola por causa da minha esposa, ela se matriculou e eu me matriculei para acompanhá-la”. Assim, conforme argumentamos anteriormente, a permanência tem um caráter coletivo, em que a presença ou ausência de alguém, pode significar o abandono da escola.

O narrador chega a outras constatações, ao ser questionado sobre os motivos que o fazem continuar estudando: “Estou me sentindo jovem, pelo menos esqueço a idade”; e também: “Divertimento. Interagir com os colegas.” (Ramilton, 74 anos). Tais dimensões agregam de muitos sentidos a passagem pela escola, na medida em que reveste essa experiência com motivos que mobilizam o sujeito. Nesse caso, sentir-se jovem, ou mesmo atribuir um sentido de divertimento, como comentado, faz com que o ambiente escolar não seja visto apenas no significado social construído.

No entanto, nos preocupa o fato de que Ramilton atribui a escola como um espaço para jovens, na medida em que se diz sentir-se desse modo. Defendemos que esse lócus trabalhe as questões relacionadas a idade, na medida em que estabeleça parâmetros que atestam a “bela velhice” (Goldenberg, 2022). Ser velho não tem que ser encarado como algo pejorativo, como é na vertente industrial da sociedade, em que esse sujeito perde totalmente o seu valor social pelo fato de não produzir mais.

Goldenberg (2022), por sua vez, convida-nos a refletir sobre a categoria da velhice, ao passo que atribui esse ciclo da vida como um dos mais belos, de modo que não se pode falar em falta, mas de outras ramificações, de novas caminhadas, e que o velho não pode ser visto como um incapaz. Desse modo, entendemos que a permanência também pode estar associada ao fato de que à medida que o sujeito identifica sentidos existenciais nos espaços, tende a construir laços afeitos com ele, sendo essa uma face importante do ficar e transformar-se, como comentado.

Nesse sentido, entendemos que as duas narrativas, por mais que não tenha se alongado, abordam aspectos importantes que nos fazem compreender os percursos de vida e estudantis dos sujeitos, de modo que as representações sociais que possuem em relação a escola, como espaço propício para adquirir aprendizagens-outras, constituiu-se em um dos motivos que faz com que se tenha mais vontade de continuar os estudos.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste estudo, partimos da seguinte problemática: *o que narram os sujeitos idosos da EJAI, em Maceió, sobre sua permanência na escola?* No sentido de respondê-la, propusemos enquanto objetivo geral: compreender, por meio das narrativas dos sujeitos da EJAI, em Maceió, as práticas acionadas para permanecerem estudando. E como objetivos específicos: i) Identificar os motivos que possibilitam a permanência dos estudantes da EJAI; ii) Conhecer as razões pelas quais os sujeitos matriculados na EJAI permanecem assíduos em sala de aula;

No que se refere ao primeiro e segundo objetivo, concluímos que os principais motivos que fizeram que com os sujeitos entrevistados permanecessem estudando foram: a ideia de escola como espaço de diversão, passa tempo, bem como a presença e incentivo de amigos e companheiros de matrimônio. Esses liames são importantes na medida em que apresentam sentidos que podem oferecer a escola possibilidades de atuação, buscando tornar a experiência desses sujeitos o mais positiva possível. Além disso, entendemos que a escola pode tornar-se um ambiente acolhedor para essas expectativas que, compreendemos como legítimas.

Como ficou explicito, as trajetórias de vida e escolares anteriores, consistiram no enfrentamento da pauperização da vida, e a negação dos direitos básicos, como saúde, habitação, alimentação, educação, dentre outros. Observou-se, nesse sentido, que os idosos entrevistados, quando crianças, assumiram as responsabilidades de adultos, o que consideramos

como um fator que pode ter trazido sérios prejuízos para a vida adulta dos mesmos. Mesmo assim, não perderam o sonho de escolarizar-se, seja na perspectiva de assinar o próprio nome, ou além disso.

Com efeito, defendemos ações que permitam que esses sujeitos alcancem suas expectativas, e vejam na escola um espaço de aprendizagens e, propriamente, um lócus de ressignificação constante da vida.

## REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 3a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARVALHO, Cícero Péricles. **Formação Histórica de Alagoas.** Maceió: Edufal, 2020.

CARMO, Gerson Tavares.; CARMO, Cyntia Tavares. A permanência escolar na Educação de Jovens e Adultos: proposta de categorização discursiva a partir das pesquisas de 1998 a 2012 no Brasil. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, n. 22, v.63, 2014.

CARDOSO, Vanda Figueredo. **Permanência escolar no Proeja:** olhares dos estudantes do curso técnico em Cozinha. 136F. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal de Alagoas, 2016.

COURA, Isamara Grazielle Martins. Entre medos e sonhos nunca é tarde para estudar: a Terceira idade na educação de jovens e adultos. **31a Reunião Anual da Anped**, Caxambu, 2008.

FREIRE, Ana Maria (Org.) **Pedagogia dos sonhos possíveis.** São Paulo: UNESP, 2001.

GOMES, Maria de Fátima Feitosa Amorim. **Permanência escolar na Educação de Jovens e Adultos:** in (re) sistência pelo direito à educação. 220f. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal de Alagoas, 2021.

GOLDENBERG, Mirian. **A invenção de uma bela velhice:** projeto de vida e busca da felicidade, 3ª ed. Rio de Janeiro, Record, 2022.

MACHADO, Jefferson; FISS, Dóris. Educação de Jovens e Adultos: encantamento e permanência na escola. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, n. 61, v. 22, 2014.

MOURA, Tânia. Os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos: o que buscam na escola? **No prelo**, 2007.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

REIS, Dyane. O Significado de permanência: explorando possibilidades a partir de Kant. In: CARMO, G. T. **Sentidos da permanência na educação: o anúncio de uma construção coletiva**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2016.

VERÇOSA, Élcio de Gusmão. **Cultura e educação nas Alagoas: história, histórias**. Maceió: Edufal, 2017.